



Achilles Escobar: nervo central da mostra é a relação entre criador e criatura

# CIVILIZAÇÕES DE ACHILES ESCOBAR

LARISSA BASTOS  
REPORTER

Não há como negar que a cabeça de Achilles Escobar funciona em outro ritmo. Cheia de pensamentos plurais e únicos. E que, guiada por eles, pode construir e desconstruir mundos. Pelo menos é isso que ele tem feito em suas duas exposições mais recentes, *Civilização Periférica I* e *II* – essa última em cartaz até a próxima semana no Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa), no bairro de Jaraguá.

Em ambas, o nervo central é a relação entre criador e criatura, agora com papéis invertidos: se na primeira versão da mostra o objetivo era discutir de onde vinha a criatura e a relação dela com o criador – se o homem é a face de Deus, segundo a espiritualidade, ou veio do macaco, como diz a ciência –, agora a ideia é mostrar uma criatura liberta. Como é o universo ao redor quando ela ganha asas.

E ele faz isso a partir de uma perspectiva inusitada, utilizando como pano de fundo “Frankenstein”, livro escrito pela britânica Mary Shelley. “Me inspirei na obra de Shelley. Estou trabalhando muito em cima dela para discutir essa questão. No texto, um cientista tenta trazer a mulher de volta à vida, mas ele usa um corpo morto, em decomposição. Então ele quis tomar o lugar de Deus para fazer uma nova criatura e não conseguiu com perfeição”.

Mas a descoberta do mundo não para por aí. A partir dessa tensão, ele trata também dos diversos tipos de manipulação que podem rodear uma relação como essa – e ainda todas as outras.

“Nas relações humanas, quem manipula quem? Eu vou ser manipulado, eu posso manipular; as relações são assim. A política está te manipulando? O sistema te manipula? Você manipula seu marido e eu manipulo meu filho? Todo mundo manipula todo mundo, mas que tipo de manipulação pode ser saudável?”, aponta.

Os questionamentos são, mesmo, muitos e, por mais controverso que possa ser, para Achilles, eles passam sempre por um mesmo ponto: o amor. Em todos os seus trabalhos, o artista visual vem procurando debater a “fórmula do amor” e o que ela significa para cada um de nós. E foi a partir daí que ele escreveu um pequeno texto, uma espécie de espinha dorsal para o que ele propõe, discutindo as angústias desse sentimento.

“O amor pode parecer tão perfeito que é capaz de enganar os que acreditam que onde existe o amor existe vida? Pura ilusão, desejos inconscios, vaidades, ciúme, talvez. Nas ruínas habitam corações. Desavisados e inconsequentes, podem ser feridos apenas com uma flecha mortal, numa busca insaciável amorosa, tendão de Aquiles. Uma procura que não tem perdão aos que salvam a tentativa de ser feliz ou não. Esperando e confiando nos sentimentos alheios. O risco de decepção sem garantias de verdade. A queda pode ser grande e mortal. Manipulador”, diz a peça.

É mais ou menos com base também nessa reflexão que ele constrói os alicerces de *Civilização Periférica II* – que, sim, ainda tem espaço para mais que isso. Ainda diante de todo esse contexto das manipulações, ele traz uma crítica política ao momento em que vivemos. É nesse ponto que ele coloca a figura do “maldito”, como ele mesmo chama – nesse caso, o presidente interino Michel Temer.

“O maldito, nessa questão, seria o ‘Fora, Temer’. Me utilizo também da experiência que tive no Ocupa Iphan [movimento cultural que ficou durante 60 dias no prédio do órgão]”, aponta ele, que continua debatendo política com o uso de grafismos e pichações. “Coloco isso como se fosse uma zona de perigo, que é onde vivem os pichadores e grafiteiros, que não podem se expor. Eles respondem de uma maneira

pre-histórica, nos muros, nas paredes, à indignidade dessas figuras políticas”.

Mas Achilles não vai com a cara de qualquer pintura nas paredes da capital, não. Na opinião dele, há “pichações e pichações”. “Alguns pichadores trabalham com desenhos e outros com códigos, como uma escrita egípcia ou algo assim. Mas tem umas que são só sujeira, mesmo. A pichação é arte dependendo de como ela se comporta no contexto que você classifica como arte. Existem pichações que favorecem o tráfico, as torcidas organizadas”, destaca.

E, na mostra, ele aproveita a deixa de estar falando da temática para homenagear dois dos artistas que vêm colorindo a cidade: Ursa e Joe, ambos que ele diz “gostar muito” e “admirar o trabalho”. A primeira, aliás, ainda serve de link com outro aspecto da mostra: aquele que presta devidas homenagens ao La Ursa, quase desaparecido personagem dos bois de carnaval.

“Ele está desaparecendo, mas o coloco como um ser revolucionário, pela plasticidade e por essa questão do criador e da cri-

atura; para mim, ele é minha criatura. Também o coloco como ser ativista, porque ele vai às ruas, e

como tem o corpo humano e a cabeça animal, faço referência ao minotauro. Quem está sendo homenageado com essa criatura também é grafiteira Ursa”.

Com curadoria do também artista visual Chico Simas, a exposição havia sido preparada para o porão do Museu Théo Brandão – que seria adaptado como uma espécie de laboratório (lembra do Frankenstein?). Mas, como o espaço está em reformas, acabou tendo que ser movida para o Museu da Imagem e do Som de Alagoas. Nada que atrapalhasse demais a iniciativa. Tanto que Achilles criou até um grupo para uma ação performática.

Os “Andantes da Rua” fizeram a primeira apresentação na abertura da mostra e se apresentam novamente amanhã, 22, a partir das 19h30, começando pelo Espaço Cultural da Ufal e passando pela Praça Rayol até chegar ao Misa novamente. Além de Achilles, fazem parte do grupo Fernando Mello, Gin Santos, Walfredo Luz, Henrique Nagobe, Carlinhos Top e Dinah Ferreira.

“Vamos fazer uma performance com base em todas as questões que são abordadas da exposição”, diz ele, que ainda espera, finalmente, encontrar a “fórmula do amor”. “Será que vou achar? A gente nunca tem certeza de nada quando se trata do amor. Estamos em busca. Será que vou encontrar na ciência, na espiritualidade, em mim mesmo, em você? Essa é a busca constante de todo ser humano”.

